



**Plantar é um ato ancestral, político, emancipatório e de reExistência:
experiência crianciera-agroecológica e de Educação Popular do CAC no
Território Kilombola de Abacatal, Amazônia paraense.**

*Planting is an Ancestral, Political, Emancipatory, and Resilient Act: A Child-Centered
Agroecological Experience and Popular Education by the CAC in the Abacatal
Quilombola Territory, Pará's Amazon.*

CARDOSO, Makini¹; FERREIRA, Ingridy²; VELASCO, Suelen³;

¹Quilombola, AfroIndígena, e-mail: viviadaconceicaoacardoso@gmail.com; ²Centro Alternativo de Cultura, e-mail: Ingridyjf@asav.org.br; ³Centro Alternativo de Cultura e-mail: suelemgv@asav.org.br.

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Infâncias e Agroecologia

Apresentação e Contextualização da experiência

Esse trabalho tem por objetivo apresentar a experiência da Mandala das ervas medicinais no território quilombola de Abacatal, comunidade parceira do Centro Alternativo de Cultura (CAC) que desenvolve atividades baseadas na educação popular.

O CAC é um Centro Social da Província dos Jesuítas do Brasil que atua com crianças (06 a 12 anos) e mulheres de comunidades rurais, territórios quilombolas e das periferias das cidades de Belém, Ananindeua e Barcarena, no estado do Pará, através da Educação Popular freireana.

Partimos do pressuposto que plantar é um ato ancestral, político, emancipatório e de ReExistência. Ancestral porque envolve um modo de vida de comunidades quilombolas da Amazônia que tem na relação terra-floresta sua forma de ser e existir por meio de saberes que são repassados dos mais velhos aos mais novos, saber-fazer ancestral que garantem a continuidade e manutenção do território.

Plantar é um ato político uma vez que a estrutura da terra, historicamente, no Brasil se forjou na propriedade privada nas mãos de uma elite de homens brancos, uma burguesia que concentrou a terra e o poder. E as comunidades afrodescendentes, quilombolas, indígenas, camponeses, foram e são constantemente expulsos de suas terras e o retorno a ela é fruto de muita luta. Por isso, plantar é um ato político que se contrapõe ao modelo do latifúndio, sob o nome de agronegócio, exportador, que não produz alimentos, mas concentra a terra e destrói a floresta.

É emancipatório e de ReExistência porque garante a homens, mulheres, jovens e crianças, a possibilidade produzir seus alimentos de forma saudável e ecológica, aprendendo com o tempo da natureza, das plantas, das ervas, produz autonomia e soberania em escolher o que e como plantar, a partir de suas identidades e cultura.

Essa experiência surgiu no chão- território do Quilombo do Abacatal que está localizado no município de Ananindeua, região metropolitana de Belém. As irmãs Makini Cardoso, Turi Omonibo e Vanusa Cardoso, associaram seus saberes com a



afroreligiosidade e dessa inter-relação surgiu a ideia da Mandala das Plantas medicinais, uma reflexão baseada nas ervas que alimentam e curam.

Em 2021, no contexto da pandemia da Covid-19, o CAC realizou no Território Kilombola de Abacatal uma Oficina Agroecológica intitulada “Mandala das Plantas Medicinais” com o objetivo de fortalecer as atividades que já vinham sendo desenvolvidas para a construção da referida mandala. Nesse contexto, as crianças do CAC, do território, foram inseridas no processo para que aprendessem a importância de plantar seu próprio alimento, sobre a agroecologia e o cuidado com a Mãe terra, uma perspectiva de infância e natureza. E foi através dessa oficina que o CAC contribuiu com o projeto da Mandala alinhando a Educação Popular, a infância, a agroecologia e a ecologia de saberes, das mulheres, homens e crianças, quilombolas.

A construção da Mandala iniciou em 2019, de forma suspensa. Em 2021, foi realizada a oficina em que é construída a mandala feita de bambu e contou com a participação afetiva e efetiva das crianças do CAC. As organizações envolvidas nesse processo foram: a Choupana de São Lázaro, espaço espiritual afro religioso no quilombo do Abacatal, e o CAC.

O território de Abacatal vem sendo cercado por grandes empreendimentos que ameaçam as vidas humanas e da natureza gerando impactos e conflitos socioambientais. São pressões oriundas de lixo, que poluiu o igarapé, subestação de energia elétrica, que afetou o corredor ecológico e habitat natural de animais que serviam entre tantas coisas de alimentos para as famílias, inclusive houve a invasão do território por duas onças que deixou as famílias apreensivas. A pressão urbana dos bairros de Ananindeua que estão próximos ao quilombo e a construção da Rodovia Liberdade, obra do governo do estado, que em seu projeto inicial isolaria a comunidade o que impactaria a vida das famílias que trabalham fora do território e ao mesmo tempo precisam da estrada de terra para comercializar sua produção na feira, em Ananindeua. Os impactos desses empreendimentos, socioambientalmente reverberam nas famílias e no território de modo geral.

Desse modo, fortalecer práticas sustentáveis e emancipatórias é garantir a defesa do território, a continuidade, possibilitando a participação das crianças como sujeitos e sujeitas protagonistas, reconhecendo seus pensar-saberes, suas peraltagens, e ensinando-as da importância do território para seu modo de vida, identidade, ancestralidade e subjetividades. Compreendendo que o Plantar é uma prática de troca entre seres humanos e entre esses com a natureza, troca de saber, energia e conhecimento, um pensar-saber criancioso, quilombola, feminino e ancestral, que garante a emancipação e a ReExistência de territórios e dos corpos, em diálogo estreito com a Agroecologia enquanto alternativa ao modelo agroindustrial que recupera e utiliza saberes tradicionais, desenvolve a biodiversidade, produz alimentos ecologicamente, é socialmente sustentável e gera autonomia (ANA, 2008, apud LOPES NETO, 2018).

Desenvolvimento da experiência

*Sem folha não tem sonho
Sem folha não tem festa
Sem folha não tem nada
(Yashodhan Abya Yala)*



O projeto da mandala surgiu em 2019 com três mulheres afro religiosas Makini Cardoso, Turi Omonibo e Vanusa Cardoso, e suas respectivas famílias. Nessa época, elas iniciavam na afroreligiosidade e notaram a importância de construir uma mandala de ervas, a qual usariam em todos os rituais, de banho e defumação, da Choupana de São Lázaro de Mãe Preta.

Essas mulheres já viviam a relação com as ervas não em forma de Mandala, mas de plantar no quintal, colher na mata, capoeira, quando precisa vão lá e colhem. Colher as ervas para cura e alimento da comunidade.

Essa experiência, que já tinham com as ervas no dia a dia, animou-as para construir a mandala. Para o pensamento técnico-científico existem alguns critérios na sua construção como ervas rasteiras, médias e maiores. Contudo, perceberam que por estar em um território tradicional a sua mandala não seria igual, de obedecer a um padrão, mas diferente de acordo com sua sabedoria cultural quilombola. Foi aí que surgiu a ideia de construí-la do seu jeito e segundo seu saber-fazer ancestral e afro religioso.

A primeira estratégia foi se articular com organizações e movimentos parceiros e durante a pesquisa, trocas, conversas, surgiu o CAC para colaborar no projeto. No segundo momento, iniciaram a construção da mandala plantando as chamadas “ervas de defesa” na entrada que para elas é muito importante essas ervas de limpar as energias, quem entra já possui sua energia limpa.

Já as ervas consideradas sensíveis foram ficando para trás, com isso no meio da mandala nasceu ervas que não servem só para o banho, defumação ou chá, mas que também são usadas como alimento. Nasceu cacau, pupunha, mamão, bambu, cultivos que não haviam plantado, mas os deixaram ali porque perceberam ser ação integrada, o que sempre fizeram no território.

FIGURA 1 - Mandala das ervas medicinais



Fonte: Centro Alternativo de Cultura, 2021.

Nunca plantaram só um tipo de árvore, erva e/ou frutíferas, mas todas juntas como um sistema rotativo e integrado de culturas porque elas conversam entre si. A harmonia da natureza é conversar entre si! Todos os tipos de árvores sejam



medicinais ou não. Essa iniciativa, das mulheres do Abacatal, foi pensada a princípio para os rituais na Choupana de São Lázaro, defumação, banhos, e também para as pessoas que os acessassem atrás das ervas.

Já em 2020, a Mandala avançou para além do ritual, sendo feita a distribuição das ervas no território e fora dele, através da confecção de remédios naturais, como os xaropes artesanais, usado para fortalecer a imunidade, o corpo e a espiritualidade, nisso percebeu-se que a mandala possui uma finalidade muito maior.

A princípio pensou-se em um objetivo da utilização das ervas para os rituais ligados a afroreligiosidade e no estradar se expandiu e ganhou outras dimensões que de ervas medicinais, tornou-se ervas medicinais que alimentam porque entendem que ao usar a erva no cotidiano como alimento acaba se fortalecendo contra possíveis doenças. Uma vez que não se usa a erva só quando está doente, mas no dia a dia como tempero, alimento e isso passou a ser introduzido no território.

As pessoas que visitam o lote não encontram uma mandala de ervas para a afroreligiosidade, e sim uma mandala que serve como alimento, remédio curativo, fortalecimento do corpo, limpeza e defesa.

A mandala é muito ampla, com a distribuição das ervas dentro do território as famílias passaram a ver que as ervas usadas só como remédios, podem ser alimento.

Em 2021, na parceria com CAC foi realizada uma oficina agroecológica de Mandala das plantas medicinais com as crianças, onde aprenderam a importância de plantar seu próprio alimento, o cuidado com a terra, os nutrientes que as plantas necessitam e o tempo do colher. As ervas passaram a ser inseridas no lanche das crianças e elas com a colaboração da educadora popular¹ colhiam as que seriam usadas no preparativo do lanche, no dia das atividades do CAC.

FIGURA 2 - Criança do CAC durante a construção da Mandala



Fonte: Centro Alternativo de Cultura, 2021.

¹ Educadora popular é o/a adulto (a) responsável por desenvolver as atividades sociopedagógicas, educativas, lúdicas, brincantes, com as crianças nas comunidades parceiras do CAC.



Essa ação com as crianças, na Mandala, foi de suma importância para o contato delas com a natureza, o alimento, aprendendo nessa troca mútua entre adultos e crianças, as diferentes sabedorias. Elas puderam ver e experimentar um cheiro verde colhido na hora, o sabor, sentir a terra, entrar em contato com as ervas, os ciclos da natureza, do plantar, a sabedoria desse sistema que conversa e dialoga entre si. É outra forma de aprender e educar, é o aprender-fazendo com trocas de saberes e vivência geracional, isso é ancestral, emancipatório e popular.

Na mandala as ervas são remédios que pode se alimentar com ela, mantém protegido e fortalecido, ao criar o hábito de que as ervas não são só remédios, mas alimentos. E isso é a finalidade da mandala mostrar que as ervas alimentam, curam, ensinam, saindo da percepção de que se toma chá só quando estiver doente, uma concepção ultrapassada de saúde. Mas que elas podem e devem ser incorporadas no dia a dia, um modo diferente de ser e viver nesse tempo em que as coisas são tão difíceis esses ensinamentos são disseminados para as pessoas.

Atualmente, apenas duas famílias dão continuidade a toda essa sabedoria a de Makini Cardoso e Turi Omonibo que gerem, tomam de conta e fazem os rituais, banhos, defumações, xaropes e chás e que oferecem para as pessoas do território.

De 2020 a 2021 o CAC acompanhou e vivenciou junto às famílias, crianças, adolescentes e jovens, do Kilombo do Abacatal a construção da Mandala das ervas e plantas medicinais e a manutenção da horta suspensa. Foi um processo contínuo e apaixonante de transformação e de fortalecimento das relações de cuidado de si, do outro e da mãe terra. O CAC acredita que plantar a própria alimentação e a própria medicina é para uma comunidade e, principalmente para as mulheres, um ato revolucionário e emancipatório.

A mandala foi uma interconexão entre agricultura familiar, sistema agroflorestral, plantio afro espiritual e educação popular, com a agroecologia e a infância quilombola de Abacatal, em um saber-fazer geracional com troca e partilhas de conhecimentos ancestrais desde os mais velhos aos mais novos.

Essa sabença e modo de vida ancestral, repassado entre gerações, aprendido com os avós, que a erva é utilizada na alimentação e não apenas quando está doente, de que se cura ao alimentar-se, as ervas caminham junto com as famílias e seus modos de existir e resistir, por isso é de suma importância manter a floresta em pé, porque os remédios estão na floresta os que alimentam, curam e fortalecem.

Essa relação dialógica foi reproduzida na mandala como forma de ReExistência e trazer isso para as pessoas, as crianças que estão acostumadas com os remédios das plantas de farmácia, alimentos de supermercado, é uma maneira de ensinar e repassar seus saberes. A mandala traz essa reflexão de ervas que alimentam e curam e do plantar como ferramenta ancestral de ReExistência.

Desafios

Um dos principais desafios esteve atrelado à dimensão econômica com a aquisição de novas ervas como a mirra, a pripioca, o patchouli, meracilina, arruda, alecrim, orégano, vick, capim cidró, que não integravam a prática produtiva dessas famílias. Ou seja, muita erva da mandala elas conseguiram reproduzir, com mudas, mas a introdução de novas ervas demandou recurso para sua aquisição e assim garantir uma multidiversidade de plantas cultivadas.



A questão econômica, do recurso em si, foi um dos desafios para as famílias e o projeto, que conseguiu superá-lo através da troca de mudas em espaços políticos, religiosos que as mulheres frequentam e com as instituições parceiras como, por exemplo, o CAC, Emater.

Contudo, o principal desafio esteve e está atrelado à dimensão social, pois a comunidade sofreu com episódios de violência contra a infância, o que também influenciou intensamente na participação das famílias.

Acreditamos que não poderá existir agroecologia em territórios onde as crianças e mulheres sofram qualquer violência. Para superar essas opressões, é urgente jogar luzes para esses debates e buscar construir relações mais justas, com práticas emancipatórias que despatriarcalizem as relações sociais e as relações de poder.

Principais resultados alcançados

A troca de experiência, as visitas, o CAC mobilizou pessoas, educadores populares de outras comunidades, parceiros, instituições, para conhecer a experiência da mandala. Somaram a essa ciranda criancieira-agroecológica a Emater, universidades, alunos das escolas de Ananindeua, nisso houve uma troca de experiência e vivência com essas pessoas que vinham visitar e conhecer a mandala. As crianças do CAC fizeram as mudas, colheram as ervas, foi o objetivo alcançado dentro da experiência.

Além disso, o ápice do projeto foi conseguir fazer os banhos, xarope artesanal, defumação, com as ervas oriundas da mandala. O xarope artesanal foi distribuído em torno de 300 unidades de 200 ml tanto para as pessoas no território, como as externas.

Disseminação da experiência

Atualmente, a mandala está em um processo de retomada seja com limpeza da área, inserção de novos cultivos, repensar a proposta inicial e refazê-la. Contudo, o que se mantém é a memória do quão significativa foi essa experiência de formação popular com as crianças e as demais pessoas que tiveram contato com os produtos, os xaropes artesanais. Além disso, o reconhecimento proporcionado a essas mulheres vindas das pessoas de dentro e fora do território quilombola.

Não há dúvidas que a experiência da mandala das plantas medicinais deve ser recomendada para outros agricultores, agricultoras, instituições que trabalham na perspectiva da agroecologia, pela importância desse projeto em considerar o saber-fazer popular, ancestral, feminino, as sabenças, que uniu as diferentes gerações em torno de ervas que alimentam e curam.

Isso porque vivenciamos um contexto desafiador de fome e do quão é essencial provocar desde a infância reflexões acerca da alimentação saudável e o quanto ela é importante para a saúde humana, partindo da perspectiva de plantar enquanto verbo-ação ancestral, política, emancipatória e de ReExistência.